

CONVITE À ECOLOGIA INTEGRAL

LIVRO AGENDA LATINO-AMERICANA

Neste ano, nosso livro-agenda convida leitores, militantes e comunidades a assumirem o desafio: confrontarmos-nos com uma atitude ecológica integral. É verdade que estamos preocupados, há muito tempo, com a ecologia. Mas agora somos desafiados a dar um passo adiante: a causa tão consciente e coerente deve se converter em um marco de referência central. Nossa vida e nossa prática serem integralmente ecológicas, estruturalmente integradas na harmonia com a natureza, com a comunidade de vida a que pertencemos, com o planeta que habitamos. Não será apenas um elemento a mais em nossa vida, mas o centro maior no qual ficam integradas as demais vivências e preocupações.

Será pedir muito? À primeira vista seria; pois nós, seres humanos somos mais do que “ecológicos”, e, portanto, esta dimensão não deve ser razão integral da vida. Temos que responder com todo o respeito: a ecologia integral pode parecer muita pretensão.

Mesmo assim, o livro-agenda latino-americana quer pedir um voto de confiança: venham conosco, percorram o caminho e a proposta, e vejam como realmente é possível ampliar o olhar e descobrir que a ecologia tem capacidade de alcançar e reorientar as dimensões humanas, incluindo a espiritualidade, colocando-as em realidade mais objetiva: a natureza que somos, o planeta que habitamos e o sagrado de onde nascemos.

A cada leitor e leitora, este livro-agenda pede um voto de confiança e chama a assumir a proposta: confrontar a vida com o desafio ecológico de modo integral.

Viver, ser, sentir... de um modo integralmente ecológico é, sobretudo, questão de visão, de

forma de ver e de ser, de educação dos olhos e do coração. Trata-se de revisar cuidadosamente as ideias antiecológicas que seguimos arrastando do velho paradigma (o que leva a viver antiecológicamente) e abrir o olhar à nova visão que a humanidade alcança. Todas as pessoas estudiosas do assunto são unânimes em afirmar que o que mais nos transforma e nos leva a assumir a atitude integralmente ecológica é exatamente o cosmo, sua história agora descoberta, a natureza e sua força transformadora evolutiva até agora desconhecida.

A ciência, a *nova cosmologia*, a astrofísica e as novas ciências da vida dizem que estávamos errados, de costas para o mundo, olhando talvez para um céu que agora custa saber onde está. As novas ciências dizem que devemos despertar, pois vivemos sonhando à margem e contra o mundo. Mas é o contrário: vivemos em plena harmonia e integração com a ecologia. Cosmo-centrados, pés no chão e raízes na vida.

Antes de iniciar a reflexão e o testemunho dos militantes latino-americanos, este livro-agenda oferece nas 15 páginas seguintes uma proposta de ideias para adquirir a visão integralmente ecológica, o “carisma” deste livro-agenda é um “simples” instrumento de educação popular, que trata de provocar transformações de consciências essenciais para surgirem práticas novas, vindas de outra visão sistemática, integralmente ecológica e que ajudem a salvar o planeta.

Um livro-agenda de papel continua no ciberespaço com sua “Página de informação e materiais complementares”. Pode ser acessada no formato digital e amplo, com mais ideias e sugestões: latinoamericana.org/2017/info

1. ECOLOGIA INTEGRAL, MUITO MAIS DO QUE AMBIENTALISMO

Em geral, as pessoas leitoras deste livro-agenda estão preocupadas com o meio ambiente e a ecologia. São as que costumamos chamar de ambientalistas, comprometidas com a preservação do meio ambiente, da natureza, do planeta... Chamamos de “ambientalismo” essa atitude que, felizmente, está crescendo nos últimos anos. Porém, agora urge ir além do ambientalismo e passar a uma atitude de “ecologia integral”. Qual é a diferença entre as duas?

Ambientalismo, atitude ecológica incompleta

Os ambientalistas atuam como bombeiros, apagando incêndios: hoje reivindicam que um parque seja declarado nacional, amanhã protestam contra a construção de uma represa, no dia seguinte contra a mina e assim por diante. É ótimo que façam isso! Uma ação essencial, porém não é suficiente e não resolve os problemas; simplesmente cura sintomas, embrulha em esparadrapos, permitindo que o problema principal, a causa mais profunda, continue.

A atitude superficial identifica os problemas ecológicos naquilo que impede o funcionamento da “sociedade moderna desenvolvida” (esgotamento ou contaminação dos recursos naturais, desastres, etc). Acredita que as soluções tecnológicas poderão manter os danos dentro de limites suportáveis. Não lhe apetece questionar o mito do *desenvolvimento ilimitado*, do *crescimento econômico constante*... Assim, mentalmente, o ambientalismo continua *dentro do sistema*, derivado da mesma mentalidade que causou os problemas ecológicos. Propõe uma política de soluções que não erradicam o mal, mas simplesmente tratam de aliviar as consequências e, com isso, o prolongam. Einstein dizia que um mal não pode ser corrigido dentro da mesma mentalidade que causou o problema: a atitude ecológica ambientalista – chamada de reformista ou superficial – tem boas intenções, mas não deixa de ser parte do problema; não é a solução radical, consciente de que o problema continua.

Atitude ecológica radical

Outra atitude é a de cunho radical, pois quer ir à raiz do problema. As várias correntes ecológicas com essa orientação se assemelham ao identificar a raiz nas ideias e representações que possibilitaram a depredação da natureza e levam o mundo ocidental à autodestruição.

Esta é a raiz do problema, porque é a *raiz do sistema que o causou*.

Por isso, os ecologistas propõem *lutar por uma mudança nas ideias profundas que sustentam nossa civilização e configura a forma de relação com a natureza*, relação que levou ao desastre atual e a uma possível catástrofe.

A atitude ecológica radical implica uma crítica aos fundamentos culturais do Ocidente. Questiona fundamentalmente: a *primazia absoluta que damos aos critérios econômico-materiais* para medir a felicidade e o progresso; a crença na possibilidade de um *crescimento constante e ilimitado* na economia, em luxos e na população humana, como se não houvesse limites ou não os estivéssemos ultrapassando; a crença de que a tecnologia e o crescimento solucionarão todos os problemas; o absurdo de uma economia que quantifica tudo, exceto os gastos ecológicos e, sobretudo, a ignorância quanto à complexidade da vida, a sacralidade da matéria e a força espiritual do Universo.

A forma tradicional de pensar e o *paradigma antiquado*, que tem *raízes filosóficas* e até *religiosas*, posicionaram-nos historicamente em guerra contra a natureza, contra a biodiversidade, contra os bosques, os rios, a atmosfera, os oceanos.

Somente mudando a forma velha de pensar nos reconciliaremos com o planeta. Se não erradicamos a forma de pensar, razão pela qual estamos destruindo o planeta, as atitudes ambientalistas serão inúteis, apagando incêndios causados por uma mentalidade, deixando que siga em pé a mentalidade velha, causando desastres ecológicos todos os dias.

Comparação entre as duas atitudes ecológicas

A ecologia integral, radical, busca combater não apenas os *sintomas* (contaminação, deflorestamento, destruição), mas, sobretudo, as *causas* (nossas ideias, o modelo de relação com a natureza, o velho paradigma).

Não somente o *bem dos humanos*, mas o *bem da vida*, de todas as vidas, por seu próprio valor intrínseco, não importando se é útil ou não aos humanos.

Não apenas *ações paliativas* (que apagam incêndios), mas mudança de ideias, de pressupostos filosóficos, de valores éticos, autocompreensão de nós mesmos: ou seja, mentalidade nova, “mudança de paradigma”.

Não tanto *mudar a natureza*, atuando sobre ela, mas *mudar nós mesmos* (ecologia igualmente “interior”).

Não somente mudar o *hardware* (ações sobre a natureza), mas o *software* (nossa cosmovisão, as ideias sobre a natureza, que dirigem a forma de lidar com ela).

Não associar tudo ao ser humano (*antropocentrismo*), mas respeitar o centro verdadeiro da realidade, que é a “Comunidade da Vida” no planeta, da qual dependemos; respeitar o *cosmobiocentrismo* real.

Não ignorar a *precedência da vida e da biosfera* sobre o bem dos interesses particulares da espécie humana, pois não é possível ela existir fora da comunidade de vida deste planeta (valorização conjunta de todos os seres).

Reavaliar a “*superioridade*” humana, superando a subvalorização clássica da natureza (considera “matéria” inerte, mero repositório de objetos e recursos a nosso dispor), e não mais nos considerarmos os donos, senhores absolutos.

Rever as *crenças religiosas* que nos distanciaram de uma sintonia profunda com a natureza, ou nos fizeram desvalorizá-la.

Atitude ecológica integral

Não basta, portanto, atitude de “cuidado” da natureza (não desperdiçar, economizar, calcular e integrar a partir de agora os custos ecológicos).

Isso é bom! Mas é preciso muito mais. É preciso chegar a redescobrir a Natureza:

- como nosso *âmbito de pertencimento*;
- como nosso *nicho biológico*, nossa *placenta*;
- como *caminho de desenvolvimento* e *caminho espiritual*;
- como “*revelação*” maior para nós mesmos.

Uma forma nova de entender não apenas o cosmos, mas a nós mesmos dentro dele, verdadeira “*revolução copernicana*”, um novo paradigma.

Visão holística

Uma visão nova, não antropocêntrica, mas holística: o ponto de vista agora é *a partir do todo* (natureza), e *não a partir da parte* (o ser humano). E acreditamos na primazia do todo sobre a parte. O ser humano precisa da Natureza para sobreviver. A Natureza se vira sozinha sem o ser humano. O humanismo clássico postulava que o ser humano era o único portador de valores e significado e que todo o resto era matéria bruta a seu dispor. É uma visão *enormemente equivocada*, que *nos colocou contra a natureza e que precisa ser erradicada*.

Não se trata somente de “*cuidar*” do planeta porque é de nosso interesse, ou porque a vida está ameaçada, ou por razões econômicas, nem mesmo para evitar a catástrofe que se aproxima. Todas as razões são válidas, porém elas ainda pertencem ao sistema que causou o problema, e não consertarão a raiz dele. Somente se abordarmos uma “*reconversão ecológica*” de nosso estilo de vida, de nossa mentalidade, incluída a espiritualidade, estaremos no rumo do “*retorno à Casa Comum*”, à Natureza da qual nos exilamos indevidamente em algum momento do passado.

Captar as razões mais profundas, os motivos que vão à raiz e descobrir a ecologia como caminho integral de sabedoria para a própria realização pessoal, social e espiritual significam chegar a descobrir a “*ecologia integral*”, para viver a comunhão e a harmonia com tudo o que existe e tudo o que somos em plenitude, sabendo-o e saboreando-o, de forma integralmente ecológica, sem recair em atitudes breves, simplesmente ambientalistas, no meio do caminho.

2. NOVA COSMOLOGIA, O QUE MAIS ESTÁ NOS TRANSFORMANDO

Qual o fator mais importante que causou o enorme crescimento da consciência ecológica que a humanidade vive? A maioria dos analistas concorda: a ciência, a revolução científica pela qual a humanidade passa nos últimos séculos, em um ritmo acelerado. E quando dizemos “ciência” não estamos nos referindo somente à cosmologia, mas à nova física, à física subatômica e quântica, à nova biologia, à astrofísica e aos bilhões de computadores que existem no mundo e que trabalham para nós, aos supercomputadores e às mais de 17 mil universidades que desenvolvem ciência no mundo inteiro.

Carentes de explicação e sentido

Somos uma *espécie emergente* no planeta. Somos talvez os últimos recém-chegados. Parece que “Deus não nos criou” de forma individual – como tínhamos imaginado – a partir de um casal primaz ao qual Ele explicou sua vontade de que não comessem o fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Se Deus não nos criou, Ele o fez por meio de nossa evolução de espécies anteriores, da mesma forma como surgiram as demais espécies do planeta. Sobre a base, hoje plenamente científica, podemos e devemos interpretar tudo.

Somos primatas que se caracterizam pela *admiração, desejo de saber, perguntar* (Aristóteles diria que é o começo da sabedoria). Um primata que não basta viver e sobreviver, mas que pensa, reflete, sabe – ou acredita saber. Uma espécie (*sapiens*) cujo saber tornou-se algo constitutivo: precisamos explicar o que vemos, o que acontece, o que sentimos, o que é. Nossa espécie se valeu do pensamento mítico (*mythos*) e do racional (*logos*). Com o *mythos* criamos sentidos para a vida – ainda que criando-o a partir do nada, sem outra base senão a nossa própria intuição; com o *logos* nos dedicamos sobretudo ao pensamento, que busca produzir mudanças fora de nós mesmos: como manipular a realidade que nos envolve para torná-la mais habitável, para colocá-la a nosso dispor.

Mas não tínhamos meios para isso. E suprimos a lacuna com intuição, com sentido místico, com pres-

sentimentos, com sentimento religioso. Cada religião elaborou dentro de sua cultura a própria explicação com mitos, crenças, reflexões, ritos, práticas de sabedoria, para explicar e, sobretudo para dar sentido, missão, esperança e alegria à vida humana, e torná-la possível, a fim de nos tornarmos animais viáveis. Com altos e baixos, isso funcionou; ainda que, com o passar do tempo e no estágio avançado da ciência atual, hoje nos deparamos com as grandes limitações daquelas representações (que nos marcaram determinantemente; até hoje carregamos as marcas em nossa herança cultural).

Por mais que quiséssemos, não teríamos conseguido saber mais: não tínhamos ciência, não conhecíamos de fato, apenas intuíamos, imaginávamos e, frequentemente, fizemo-lo com brilhantismo no que diz respeito aos grandes valores exigidos para viver e conviver. Mas, no que diz respeito a conhecer nossa própria casa, a natureza, a Terra, o céu, o cosmos, isso não era possível: não havia como adivinhar. Ninguém poderia adivinhar que estávamos sobre uma esfera errante que girava em torno de um eixo inclinado sobre o plano de nossa órbita. Até o século XVII não tínhamos os instrumentos essenciais para observar o fenômeno. Nunca cessamos de aperfeiçoar os instrumentos de observação para o macro e o micro. Galileu conseguiu ampliar em 20 vezes o que era visto; hoje acontece em uma proporção de milhares. Ele apenas contava com a luz visível para os olhos; hoje, os telescópios são radiotelescópios e utilizam outras luzes (infravermelha, raios alfa, gama), e desde 2015 as “ondas gravitacionais” permitem observar todas as luzes com olhos que nunca tivemos.

A nova visão que a ciência nos dá sobre o Universo é um verdadeiro renascimento. Vemos o mundo de outra forma, ainda que de fato vemos outro mundo. O mundo que hoje conhecemos é totalmente diferente do mundo em que pensávamos estar. Se somos “seres-no-mundo”, a ciência nos transformou porque ela nos torna conscientes de que estamos em outro mundo, e o outro mundo não apenas é diferente em suas dimensões (infinitamente maiores em espaço,

tempo e complexidade), mas em sua história e, sobretudo, em sua natureza e sua complexidade. Mas é “outra coisa”. E, por isso, somos parte e fruto desse mundo, outra coisa do que pensávamos. A ciência nos transformou.

A mudança não ocorreu em um instante e nem em um século. Quatro séculos se passaram para a proliferação de conhecimentos científicos tão diversos, rápidos e revolucionários, que a sociedade não teve tempo para assimilá-los e socializá-los devidamente. As teorias, os costumes, a moral, as religiões, a sabedoria popular seguem em grande parte derivadas da visão tradicional pré-científica, notadamente entre as religiões, que têm uma resistência única à mudança.

Estamos na “era da ciência”, um tempo cultural novo marcado pelo conhecimento científico que o determina e tudo transforma. É a primeira vez que há um relato único quanto à origem do Universo e do nosso planeta, para todas as culturas e todas as religiões, para toda a humanidade. Pela primeira vez, não se trata de um relato mítico ou religioso.

Se a época da ciência mecanicista reducionista desencantou o mundo, introduzindo-o como um mero repositório de recursos materiais, sem alma, cujo valor está associado à sua utilidade, prontos para comer, comprar ou vender, a ciência atual é bem diferente, e descobre em toda parte os traços de sua beleza admirável, a sacralidade do mistério que em tudo está presente, e nosso próprio enraizamento no mistério cósmico. Não estamos decepcionados diante daquele mundo desencantado e totalmente explicável, nem é essencial apelar a novos mitos para reencantá-lo. É, sobretudo, a nova cosmologia que nos leva de volta a horizontes muito mais encantadores e exuberantes, e com uma base profundamente científica. A ciência e a espiritualidade, há tempos, voltaram a caminhar juntas, de mãos dadas.

Não é mais cabível o conflito entre a ciência e a fé religiosa, pois a epistemologia atual reconhece que estão em planos diferentes, entre os quais não pode haver conflito. A fé deve saber que não pode contradizer nada do que diz respeito ao plano da ciência e a seu método científico. Uma religião mundial numerosa – o budismo – veio a público validando a ciência e a reconhecendo como inquestionável

em princípio para a religião. Por sua vez, as novas informações que a ciência nos fornece entram muitas vezes em conflito com o que sabíamos, ou com o que “acreditávamos saber”. Experimentamos a urgência de reexaminar, refazer, recompor, reelaborar as “explicações e os sentidos” com que estávamos operando até o momento. A contínua recepção de novas informações da ciência nos últimos séculos manteve e provavelmente continuará mantendo as religiões e a humanidade dentro do imperativo da urgência de uma contínua reelaboração de explicações, e uma recriação permanente de sentidos, um processo contínuo de reinterpretações pelas mudanças incessantes de paradigmas.

Mas não é por esse desafio constante que vamos renegar a ciência. Na verdade, conforme a ciência avança vemos com mais clareza que se trata de um caminho sem retorno.

Para a ação

- Primeiro imperativo: não é possível viver de costas para a ciência. Estamos em um tempo e em uma sociedade profundamente marcados pela ciência. Devemos ser coerentes com isso.

- É muito importante ler, estudar, acompanhar os avanços científicos. O que não é muito difícil, pois existem muitos meios de divulgação (internet, televisão cultural) que permitem conhecer, sem sair de casa, com abundância de detalhes e imagens reais privilegiadas, os temas científicos antes reservados aos estudantes das melhores universidades.

- Fritjov Capra fala da urgência de uma “alfabetização ecológica” e uma nova visão à altura da ciência atual. Ciência e espiritualidade continuam sendo o que mais nos transformará.

Reconverter tudo

A partir da nova visão que a ciência torna possível hoje em dia – pela primeira vez na história da humanidade –, é preciso agora “reconverter tudo”, reelaborar e reformular aquilo em que até agora acreditávamos – nossa ideia do mundo, do cosmos, da matéria, da vida, de nós mesmos, do espiritual. Tudo é diferente a partir da nova visão.

Temos que nos reinventar, recriar, é hora de reconverter a partir de uma nova visão da ecologia integral.

3. NOVA VISÃO DE MUNDO

UMA ÚNICA "COMUNIDADE DE VIDA" NESTE PLANETA...

Até a algumas décadas, e até hoje, aonde ainda não chegou a influência da nova ciência, as pessoas e a sociedade são portadoras da *visão tradicional de mundo*, que o concebia como um aglomerado de objetos (não comunidade de seres vivos, nem mesmo como um quase organismo vivo). Durante os últimos séculos, foi inteiramente dominante a *divisão cartesiana da realidade* em coisas *materiais, extensas* (físicas, inanimadas, materiais, organizadas mecanicamente) e entidades *espirituais, pensantes*, com consciência, incorpóreas. Todo o mundo extenso estaria composto de matéria, essa realidade física compacta, inanimada, passiva, sem vida, estéril por si mesma. Os animais não deixariam de ser máquinas bem organizadas, porém desprovidas de entidade mental ou espiritual. Tudo seria objeto, todo um mundo de objetos, no que estaríamos decepcionantemente sozinhos, sem ninguém com quem partilhar fora de nós mesmos.

A física atual rompeu os conceitos cartesianos sobre a matéria. Na realidade, a matéria não existe. O que existe é a energia. A matéria nada mais é do que uma forma ou estado que pode revestir a energia na qual tudo consiste, dando-se entre massa e energia uma permanente conversão mútua. Por isso, a matéria contrária à passividade e esterilidade: tende naturalmente à auto-organização até a complexidade, ou seja, até a vida, até formas superiores que acabam aparecendo como sensibilidade, consciência e autoconsciência. A ideia de matéria foi redefinida pela ciência como "campos e forças imateriais". Cientistas declararam o conceito clássico de matéria como "ideia extinta"; outros disseram que no nível quântico o conceito de matéria é transcendido. "A matéria parece ser nada mais do que uma energia efêmera fluindo de maneira uniforme e com maravilhosa coerência, produzindo tipos de ondas com estabilidade dinâmica e aparência sólida". (Elgin)

Ocorre o mesmo com o espaço e o tempo, partes de uma continuidade. Para Einstein, o tempo é uma quarta dimensão que interage com o espaço e com

a gravidade, que vem a ser uma deformação ou curvatura do espaço-tempo. O bom sentido da visão da física clássica, tão lógica e racional, acabou-se. O Prêmio Nobel Richard Feynman expressou, com autoridade, o que todos sentimos: "ninguém entende realmente a mecânica quântica".

O mesmo ocorre com o nível atômico. No final do século XIX as ciências demonstraram que o átomo newtoniano, aquele desenho esquemático de suas órbitas, era pura simplificação: "os átomos são como galáxias", diria Timothy Ferris.

Outra visão da vida

A visão tradicional que temos dos demais seres vivos é de seres inferiores, classificados em espécies e famílias separadas, "criadas" de um modo fixo e estável desde o princípio, independentes, sem parentesco. Hoje, as ciências ecológicas dão uma visão totalmente diferente.

Sem que saibamos ainda se a vida brotou em nosso planeta ou chegou aqui trazida por meteoritos, o que parece certo é que toda a vida do planeta está emparentada. Somente uma, porque é a mesma, mas evoluída com uma criatividade inimaginável. Surgiu há 3 milhões e 500 mil anos, naquela primeira célula, Aries, no primeiro mundo das bactérias que se reproduziam por simples divisão, praticamente imortais, que vivem ainda hoje. Desde os organismos procariotas produziu-se um salto qualitativo descomunal quando apareceram as células eucariotas, com núcleo; depois, os organismos multicelulares e, finalmente, os grandes organismos que ensaiaram as fórmulas possíveis de organização da vida.

A ciência faz ver hoje que não existem famílias vegetais e animais soltas, independentes, que partilham somente aparências externas. Na verdade, todos os seres vivos são membros de uma mesma e única família. Há somente uma árvore genealógica no planeta, que agrupa e inclui todos os seres vivos (humanos, inclusive).

Não há nenhuma espécie vegetal ou animal “criada”, originada um dia a partir do zero (a afirmação religiosa da criação por parte de Deus está em outro plano, e não contradiz a materialidade do processo biológico que hoje conhecemos cientificamente). Nenhuma espécie apareceu “um dia”, como caída do céu. Hoje sabemos que toda espécie surgiu a partir de outras espécies anteriores, por evolução. A Vida, o conjunto dos seres vivos, é na realidade o grande protagonista histórico-evolutivo que se transforma a si mesmo, transformando-se de espécie em espécie. Toda espécie tem em seus ancestrais outras espécies. As atuais aves antes foram répteis, antes anfíbios, e antes peixes e formas marinhas mais simples. A vida não é estática, mas esteve sempre evoluindo, metamorfoseando-se. Mais de 98% das formas de vida que a Vida ensaiou, tratando de melhorar projetos anteriores, já desapareceram. Todas as formas de vida que permanecem, todos os seres vivos atuais estão emparentados, são “da mesma carne”: estão feitos da mesma matéria viva; partilham a forma nitro hidrocarbonada de vida, com os mesmos aminoácidos básicos; e se constituem da mesma maneira, replicando no núcleo de cada uma de suas células a informação essencial para funcionar e reproduzir-se (quatro gigabytes em sete bilionésimos de grama).

Mais ainda: a linguagem ou codificação dessa informação é a mesma desde o princípio, e ainda hoje há os humanos, de maneira que a ameba, a medusa, o robalo, a libélula, o crocodilo e o orangotango levam sua informação genética expressa em uma idêntica codificação à base de “quatro letras” no DNA de todas e cada uma de suas células. Partes de meu DNA de ser humano não coincidem com parte da informação própria do DNA das árvores, porque se trata, por exemplo, da informação exigida para o processamento dos hidratos de carbono, conquista da vida antes que as árvores e nossos ancestrais se separassem na única árvore genealógica da Vida deste planeta.

A biosfera

Não é um aglomerado de seres vivos amontoados na superfície do planeta. Mas uma rede de sistemas,

de sistemas de sistemas, interdependentes, retroalimentados, que dependem de interações de variáveis sutis que mantêm estáveis os equilíbrios do que depende o bem-estar comum.

A famosa primeira fotografia da Terra a partir do exterior, a partir do Apolo 8, em 1968, assustou a opinião pública e a hipótese “Gaia”, de James Lovelock, fez pensar: o planeta azul, revestido da capa sutilíssima de vida, a biosfera, está vivo, a seu modo; porém mantendo o substancial do que chamamos “ser vivo”: uma capacidade auto-organizativa e autorreguladora que permite a continuidade estável da vida dentro de seus limites, sem deteriorar-se, mantendo-se contra o tempo.

Num mundo novo

Um olhar para o mundo a partir de uma perspectiva integralmente ecológica dá a visão radicalmente diferente. Tudo é diferente da visão cartesiano-newtoniana pela qual nos considerávamos a bordo de uma rocha esférica enorme, errante pelo espaço, cheia de objetos e coisas (máquinas viventes, como plantas e animais) das que podíamos dispor sem nenhum olhar maldoso, porque afinal eram recursos materiais à nossa disposição. Ao pensar o mundo como cheio de meros objetos, convertíamos-nos em sujeitos desencantados, separados da raiz da Comunidade da Vida.

A visão integralmente ecológica, pelo contrário, oferece um olhar inteiramente diferente: um mundo sem objeto; sou “matéria inerte”, cheia de vazio fecundo e vibrações subatômicas, de energia auto-organizativa, vida inteiramente emparentada, organizada em redes de sistemas encaixados uns dentro dos outros, num conjunto global vivo. Gaia, nosso lar, a placenta na qual fomos gerados e vivemos.

A visão ecológica integral nos transporta do velho mundo desencantado de objetos-recursos, a uma Terra Viva, vibrante de energia auto-organizadora e autoconscientizada. Não estamos sozinhos, rodeados de meros objetos, de puras coisas sem alma. Com a nova visão, estamos voltando ao nosso verdadeiro lar: uma Terra cheia de Vida e de Misteriosidade, à qual sentimos que pertencemos e, a partir da qual pertencemos ao Universo inteiro.

4. NOVA VISÃO DE NÓS MESMOS

Em uma perspectiva integral, a ecologia afeta a forma de nos entendermos. Há milhares de anos nos vemos como “outra coisa”, algo diferente de tudo o que existe no mundo, seres infinitamente superiores, e por isso com direito ao domínio absoluto sobre tudo o que existe na Terra.

Para compreender e expressar isso, criamos crenças e mitos religiosos com fins de “justificação”: teríamos sido criados por Deus separadamente, no sexto dia da criação, “à sua imagem e semelhança”; apenas nós. Viemos de cima (de Deus), não de baixo (da Terra); de fora deste mundo (somos espirituais e imortais), não de dentro. Porém, as modernas ciências cosmológicas veem as coisas de outro modo:

Somos Terra

- Não viemos de fora, mas de dentro: ou seja, viemos da terra. Nosso corpo é feito de átomos de elementos que não são eternos, com data de fabricação, elaborados pelas estrelas, na explosão das supernovas, que permitiram a aparição – pela primeira vez – do cálcio para nossos ossos, do ferro para nosso sangue, do fósforo para nosso cérebro. Todos os átomos têm bilhões de anos, desde que explodiu a supernova (Tiamat), que deu origem ao sol. Tudo o que aconteceu ao longo de bilhões de anos de evolução da Terra, e que nos fez possíveis, é a própria “história sagrada”, não apenas os 4 mil anos de relatos sagrados das religiões.

- Não viemos de cima, não caímos como um pacote pronto e preparado, mas somos uma espécie emergente, formada por evolução a partir de outras que nos antecederam. Somos primatas, da família dos grandes símios, e somos a espécie que permaneceu das várias do gênero homo que percorreram o itinerário evolutivo de ampliação do encéfalo e cérebro, com o qual atingimos um nível de consciência e autoconsciência único no conjunto da Comunidade da Vida. Somos a espécie em que culmina (até o momento) a ascensão evolutiva da Vida de formas de consciência, reflexão e espiritualidade:

em nós, a matéria organizada, autopoietica – a Terra – chega a sentir, refletir, estremecer de admiração, contemplar, venerar e adorar. Somos Terra que chega a contemplar-se a si mesma. “Somos hidrogênio do cosmos, que chega a contemplar a maravilha do hidrogênio do cosmos”, disse o poeta Ernesto Cardenal.

- Nosso corpo, observado com olhos ecológicos que saibam ver, fala claramente de uma longa história evolutiva, de cujos êxitos ela guarda marcas em quase cada um de seus traços (para mais detalhes ver o artigo de Manuel Gonzalo neste livro-agenda).

- Nossa reflexão, nossa espiritualidade, e talvez a atual secularidade e pós-religiosidade são a evolução da Terra e da Vida além da evolução biológica e genética, além da evolução cultural. É a Terra e a vida que lhe dão alento, que vivem e se expressam em nós e nos transcendem.

Questionarmos tudo isso e requestionarmos a velha forma de nos percebermos separados do mundo, superiores a ele, alheios a tudo o que é cósmico e ecológico significam que estamos voltando à nossa casa, ao nosso lar ecológico, de onde nunca deveríamos ter partido. É voltar a pôr os pés na Terra, no solo da Vida.

Nos ver de forma diferente

A partir do modo integralmente ecológico de observar o mundo, vemo-nos de um modo diferente:

- Não fomos criados em um momento dado, mas somos o resultado da evolução de espécies anteriores. Somos uma espécie emergente.

- Não somos seres celestiais, mas terrestres, telúricos: somos Terra, a própria Terra que culminou conosco sua Aventura evolutiva e a faz mais consciente. Somos Terra, somos como sua própria alma, ela é como nosso corpo. Em nós ela chegou a sentir, refletir e ter responsabilidade.

- Não somos o centro do cosmos, nem da Terra e nem do Universo. O antropocentrismo (ver tudo a partir da perspectiva dos interesses humanos) foi uma miragem e um erro o qual a Terra, a Comunida-

de da Vida e nós próprios estamos pagando caro.

- Somos a evolução da Terra e da Vida além da evolução biológica e genética. Pertencemos ao Cosmos, ao Universo, à Terra, à Comunidade da Vida. Somos parte do mistério. Acreditamos que estamos separados ou desligados do Cosmos ou somos dele independentes; ser diferentes foi um erro nefasto ainda muito resistente.

Fim do dualismo tradicional

A filosofia cristã insiste que o ser humano é formado por dois princípios: um material e outro espiritual, e que fomos criados diretamente por um ato criador extraordinário de Deus, o dualismo que acompanhou o cristianismo secularmente. Hoje, as ciências optam pela alternativa “emergentista” ao invés da reducionista e dualista. Há descontinuidade entre o material e o espiritual, o animal e o humano, mas não uma ruptura; a característica da matéria com atributos emergentes é a “continuidade”: o todo é maior do que a soma das partes, e torna-se inexplicável em função das características das partes; a matéria tende à vida, à complexidade, à consciência e à espiritualidade. Há uma continuidade emergentista em rupturas dualistas. Tudo então é diferente, está inter-retro-relacionado no que é superior e que se integra e influi mutuamente. Pedras, plantas, animais, humanos, uma continuidade viva, como sistema anilhado em progressão gradual: uma visão totalmente diferente daquela atomista, fragmentada, repleta de dualismos.

Não somos os únicos com consciência, sensibilidade e inteligência. Não são qualidades exclusivamente nossas, mas generalizadas na ampla gama de vida, que se manifestam somente sob determinadas condições de evolução e desenvolvimento. Estamos muito mais próximos do que pensávamos de todos os seres do cosmos e da Comunidade de Vida.

Mudança do “lugar cósmico”

A Teologia da Libertação falava de que tínhamos de mudar de “lugar social”, aquele setor ou lugar da sociedade a partir do qual uma pessoa sente que vive e experimenta a história, ou seja, a partir do sistema ou dos pobres; a Teologia da Libertação insiste que o lugar adequado para viver é o lugar social dos pobres, dos oprimidos e a opção pela sua

libertação.

Assumir uma visão integralmente ecológica leva à mudança do “lugar cósmico”, ou seja, uma mudança na forma de nos sentirmos em relação ao cosmos. A espiritualidade tradicional fez com que nos sentíssemos fora da natureza (totalmente diferentes), ou acima dela (espirituais). Não nos considerávamos “naturais”, mas “sobrenaturais”, cidadãos do céu, vindos de fora e de cima. O “lugar” com que nos identificávamos era o céu, o fora do mundo, as coisas de cima, e não o Cosmos, a Terra, a natureza, a Vida, seu árduo trabalho evolutivo, seu incessante decolar da interioridade.

No paradigma da ecologia integral passamos a nos sentir cosmos, somos – literalmente, sem recursos metafóricos – “pó de estrelas”, natureza evolutiva, Terra. E que este é o nosso lar, a placenta que nos gerou e com que nos identificamos, nosso novo “lugar cósmico”.

Transformações associadas

A atitude ecológica profunda nos leva a aceitar uma série de transformações:

- autodestronamento: deixarmos de lado o endeusamento que atribuímos a nós mesmos, e superar o distanciamento e a falta de comunicação com a natureza;

- superar o antropocentrismo: deixar de perceber em função do interesse do ser humano, passando a considerar a centralidade da vida, o “biocentrismo”, o valor central que toda vida possui, pois as formas de vida possuem um valor intrínseco;

- assumir nossa história cósmica evolutiva: sabendo que somos seu produto final, a flor que sintetiza em si própria toda a história do caos-cosmos que estamos compreendendo somente agora graças à nova cosmologia, o “novo relato” que as ciências estão apresentando, e não somente uma história doméstica concluída nos últimos 3 mil anos, à qual as grandes religiões nos tinham reduzido;

- revalorização do “natural”: superar o preconceito de que um “pecado original” estragou tudo em um tempo primordial, tornando o mundo, o sexo e o prazer pecaminosos e “inimigos da alma”, e recuperar a segurança de que o começo de tudo foi, antes, uma “bênção original”.

5. NOVA VISÃO, INCLUSIVE DO ESPIRITUAL

ECO-ESPIRITUALIDADE: NOVO ENFOQUE DA RELIGIOSIDADE

A Ecologia Integral é uma forma de observar (paradigma) que incorpora o marco da natureza: considerados parte da natureza, do mundo, da realidade cósmica. Também aquilo que é espiritual e religioso? Sim. Tudo.

Tradicionalmente nem sempre foi assim. Considerava-se que o espiritual era totalmente diferente do mundo material. O espiritual era o não material, o não corpóreo, o não terrestre. Acreditávamos que o espiritual pertencia a outro mundo, o mundo celestial, chamado de sobrenatural. O dualismo era considerado dado, separação radical entre os dois âmbitos. E, por isso, uma pessoa religiosa, ou espiritual, distanciava-se das coisas materiais, dos interesses corpóreos e humanos, e valorizava apenas o que era incorpóreo, sobrenatural, espiritual, que a religião dizia que pertencia ao céu, e não a este mundo. O ideal para uma pessoa espiritual seria viver sua vida sem se distrair com as “coisas do mundo”, olhando sempre para sua Pátria celestial, a vida após a morte na qual se deixa para trás todo o mundo atual para nos reunirmos no céu, com Deus, e expressar, de modo puramente espiritual, seu louvor. É óbvio que esse tipo de espiritualidade nos distanciava interiormente do mundo, alimentava preconceitos contra ele (o mundo como inimigo da alma), dirigia nosso olhar para o céu e nos distraía dos problemas do mundo e da Terra.

Mas seria a espiritualidade assim, ou isso foi uma forma de compreendê-la que hoje poderia ser substituída por algo melhor, mais à altura do que sabemos e vemos, que nossos ancestrais não sabiam nem viam: hoje, no tempo da ciência e da ecologia integral, é possível redescobrir a espiritualidade.

Valor pedagógico-espiritual do cosmos

Uma primeira característica da ecoespiritualidade é que acredita no valor pedagógico que o cosmos tem para nossa espiritualidade. Como dissemos, a ciência, a descoberta científica do cosmos, transformam nossa visão, sensibilidade e espiritualidade. Hoje vemos que não estamos no cosmos, mas em

uma cosmogênese. O relato de sua história fantástica nos faz estremecer em estupefação, a ponto de nos extasiarmos. A ciência e o próprio cosmos têm “valor revelador” (Berry): as evoluções do divino revelam a realidade cósmica. São muitas as pessoas que rezam, meditam, contemplam e se extasiam com livros “religiosos” de um tipo novo: livros e vídeos de ciência. Não é em vão que a teologia diz hoje que o primeiro livro que “Deus” escreveu não foram as Escrituras Sagradas das diversas religiões, mas o cosmos (o que foi dito até mesmo por Santo Agostinho).

Holismo: tudo unido, sem dualismos

A partir da ecoespiritualidade é possível ver tudo de outra forma, como é; sem os dualismos impostos por nossa mente analítica. A matéria é energia, imbuída de espírito, tem um viés para ele, para a auto-organização, vida, consciência e espiritualidade. Tudo está relacionado e interligado. Da mesma forma, não existem fronteiras entre matéria e energia, vida e consciência, biologia e cultura, consciência e espiritualidade, terra e céu, vida e além. Tudo está interligado, e o Todo (Divino) está em tudo. “Tudo é sagrado para quem sabe ver” (Teilhard de Chardin).

Abertos à dimensão espiritual do cosmo

A ecoespiritualidade supera a visão reducionista do materialismo científico do paradigma cartesiano-newtoniano, que via apenas massa, pesos e medidas, tudo desprovido de alma, de unidade, de mistério, de encanto, de interioridade. A ciência moderna se tornou sensível ao mistério que descobre no cosmo e suas dimensões infinitas, na matéria e suas profundidades subatômicas e quânticas, na implicação mútua entre matéria, vida e espírito.

Superando o intervalo de poucos séculos de um cientificismo materialista e reducionista de curto alcance, recuperamos a intuição que nossa humanidade cultivou já antes de nos lembrarmos: todos os povos sentiram veneração pela Mãe Terra; observaram o céu em noites estreladas e sentiram uma “experiência espiritual urânica” (Mircea Eliade). Du-

rante o período paleolítico (mais de 100 mil anos) nossa espiritualidade esteve enraizada na percepção fascinada da dimensão espiritual da nossa experiência cósmica telúrica, muito antes de aparecerem, no neolítico, as grandes religiões.

Grandes cientistas, às vezes autoconsiderados “ateus”, confessam que sentem um “profundo sentimento cósmico religioso” (Einstein).

Está sendo superada a transcendência imaginada da metafísica filosófica tradicional: agora não a sentimos e nem imaginamos procedentes de um além metafísico, além do físico, como em um lugar fora do mundo real. Ao contrário, percebemos dentro da realidade cósmica e mundana. A transcendência não é “para fora”, e sim “para dentro”, para a profundidade, a interioridade habitada, sem que se fuja para o não mundo. Thomas Berry dizia que o velho conceito de transcendência nos fez muito mal e é essencial superá-lo. Alguns autores não falam de transcendência, mas de *imanencidade*. O mistério está aqui, não fora.

Sentimos e adoramos os *sapiens* durante dezenas de milhares de anos, no paleolítico. Quando nos desviamos desse caminho? O que aconteceu? Os antropólogos indicam a revolução agrária como resposta, quando nos voltamos contra a terra para explorá-la e dominá-la – o que se torna mais propício quando não se pensa nela como Mãe. Nesse momento surgiu o patriarcalismo e, obviamente, surgiram as religiões, que em sua maioria nos distanciaram da espiritualidade cósmica e nos levaram a uma espiritualidade ritual, “espiritual” – no sentido de oposta à corporal, material e natural. A ecoespiritualidade representa, sem dúvida, o retorno à casa, ao nosso *oikos*, nosso lar, nossa placenta espiritual.

Ecoespiritualidade: experiência espiritual

A ecoespiritualidade não é um saber intelectual, um conjunto de ideias, mas um *saber-sabor cordial*, processado com a inteligência ecossensível, com o coração. É uma *experiência de admiração* extasiada da beleza assombrosa do cosmo percebida como verdadeira epifania do mistério. Experiência *contemplativa*, *transformadora*, unitária, regozijante e, ao mesmo tempo, de êxtase, que nos extrai de nós mesmos e nos transporta a um mundo inefável.

Ela produz um *sentido de comunhão no dual* (não estamos separados do Mistério, que nos arrebatava e extasia), e com ele um *sentido de pertencimento* à Natureza, à Terra, à Vida, ao Universo, ao Todo Misterioso. Não é preciso nos afastarmos do mundo (ao contrário!) e nem nos submetemos a um processo de iniciação complicado: tudo isso está ao alcance de qualquer um que o realize.

Ecoespiritualidade transformadora

É uma experiência e um aprendizado práticos, experiência ecoespiritual que pouco a pouco nos converte em seres ecocentrados, ao contrário do que o velho paradigma cartesiano-newtoniano tinha feito de nós. E com isso, muitas outras dimensões espirituais se transformam, se “ecocentram”:

- A ecoespiritualidade não se sente muito confortável com o teísmo, que considera que o Mistério fundamental é uma divindade externa ao mundo, alguém que mora no céu, um Ente, um Senhor, um *Theos*, e prefere uma visão panteísta.

- A ecoespiritualidade exige de cada religião uma “reconversão” do patrimônio simbólico elaborado em suas Escrituras Sagradas nos tempos em que o primeiro livro (a Natureza e o cosmo) não estava quase completamente terminado. Mitos e crenças devem ser agora reconvertidos a partir do que sabemos do cosmo e de toda a realidade.

- A ecoespiritualidade permite recompreender, de acordo com a ciência, os mistérios da consciência, a autoconsciência, a vida além da morte, a religiosidade e espiritualidade, sem recorrer ao mito ou às crenças.

Ecoespiritualidade e práxis

Ver e sentir de outra forma leva, inevitavelmente, a agir de forma diferente. Olhos que veem, coração que sente e mãos que atuam. Sentirmo-nos pertencentes à Terra nos leva a defendê-la como se fosse o próprio corpo, como a nossa Casa Comum. Recuperar uma espiritualidade ecocentrada, livre da alienação milenar que fez nos sentirmos mais como filhos do céu do que da Terra, a única esperança para salvar a Vida e o Planeta, porque deixaremos de destruir a Terra apenas quando sentirmos seu caráter sagrado, e nos sintamos integralmente parte de seu Corpo divino.

6. A MÁXIMA URGÊNCIA DE TUDO ISSO

RECONVERSÃO ECOLÓGICA E REVOLUÇÃO CULTURAL OU CATÁSTROFE

Resistência perante a Mudança Climática

Têm-se completado 60 anos do profético livro de Raquel Carston, *Silent Spring*, o primeiro que lançou o alerta de que, com nossos pesticidas, estávamos causando uma enorme destruição invisível na natureza, o que prenunciava uma primavera silenciosa próxima, sem cantos de pássaros, sem vida. Mas o impacto que aquele livro visionário tardou em cristalizar, todavia, era muito cedo.

Houve outros adiantados, como Clair Patterson, o primeiro que lutou contra a contaminação de chumbo por meio dos combustíveis. Teve que suportar o ataque das grandes companhias, que preferiram o lucro de seus negócios que a saúde pública. Consegiu que se aprovasse a Lei de Ar Puro estadunidense em quase todo o mundo.

Foi no começo do século XXI quando passou à opinião pública o tema da mudança climática e suas consequências devastadoras para a vida no planeta. Hoje já são conhecidas as atividades “científicas” que as companhias petrolíferas promoveram para confundir a opinião pública sobre o tema. Inclusive administrações dos Estados Unidos, como a de Bush, batalharam contra o IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) coordenado pela ONU... Sempre tem havido cientistas que se vendem às pseudociências para servir a interesses das grandes empresas. Apesar de tudo, a verdade científica - e a evidência dos fatos - tem-se imposto: hoje já não se pode negar que a causa da atual mudança climática é antrópica, que somos os humanos quem a estamos provocando.

O ponto de não retorno

Na proximidade e aumento do aquecimento planetário, há algo que se chama de “o ponto do não-retorno”. Conforme passa o tempo e continuamos com nosso estilo de vida e nosso padrão de energia, que envenena a atmosfera com o CO₂, vai se aproximando esse momento em que a temperatura tem alcançado uma magnitude tal, que desencadeia uns processos automáticos, que se retroalimentarão uns aos outros, sem que nos seja possível atuar sobre

eles. Como que uma bola de neve com que já estávamos jogando, até que começa a rolar por si mesma e nos escapa. Mais: além desse ponto não é possível controlar a situação - a catástrofe se acelera por sua própria dinâmica.

O IPCC deixou claro e hoje já não há dúvidas: para que não ultrapassemos esse ponto de não-retorno, a temperatura não pode ultrapassar os 2° C. E para assegurar que não ultrapassemos os 2°, será necessário reduzir as emissões de carbono em uns 70% antes de 2050. Alguém acredita que isso seja possível? Mais: no ritmo atual, para 2030 já teremos completado toda a margem de CO₂ que nos resta, nesta data deveríamos chegar ao objetivo do “zero CO₂”.

A pergunta é: como é possível que a humanidade inteira, que está diante da ameaça do colapso de sua civilização e da extinção de sua própria vida, acusada por seu modo de produção e seu estilo de vida, não se decide a corrigi-los? Como se explica isso?

Por duas razões fundamentais

* Porque há uma minoria, 1% da população mundial, que retêm 50% dos recursos, que domina as finanças mundiais e as põem a trabalhar para produzir o máximo dinheiro no menor tempo possível, ainda que seja destruindo montanhas, contaminando rios, desmatando bosques, apropriando-se das fontes de água, provocando desertificação...

* Porque a outra parte, a imensa maioria da população, os 99%, apesar de que sofremos as consequências dessa ambição e cobiça do 1%, estamos como que anestesiados, não reagimos, parece-nos incrível que estejamos diante de uma catástrofe causada por nós mesmos, embarcados num estilo de vida louco, que arrasta ao desastre a inteira “comunidade de Vida” deste planeta.

Uma ideologia econômica hegemônica

A cada dia, os meios de comunicação apelam ao “crescimento econômico”, como o único que importa. Crescer na renda econômica, no dinheiro, à custa do que quer que seja. É um discurso hegemônico em nossa sociedade. Como no conto de Andersen: já tem

bastante gente que intui o que é falso, que é precisamente o contrário do que estamos necessitando - não tanto crescer, quanto simplesmente desenvolvernos, quer dizer, organizar-nos melhor, distribuir mais equitativamente, e deixar de destruir nosso próprio habitat, cuidar de nosso nicho ecológico, romper com hábitos e luxos supérfluos e daninhos. E, sobretudo, mudar o padrão energético atual, que é à base de energias fósseis que envenenam constantemente o ar que respiramos, que contaminam as grandes cidades até fazê-las irrespiráveis, que tem elevado o nível de CO2 na atmosfera até os 400 ppm (!), e que fazem já, praticamente certo, para que o aquecimento climático vá chegar aos 3,5°C.

Ousamos a dizer a verdade: estamos na emergência

Levamos uns dez anos em que os mais valentes profetas da ecologia não queriam passar por agourentos de desventuras, anunciadores de catástrofes que pareciam impossíveis no imaginário popular. A maior parte desses valentes profetas não tem sido tanto, como para dizer a verdade desnuda: que já estamos muito próximos do ponto de não retorno, e que esse ponto não é precisamente “um ponto”, mas um caminho escorregadio em que não se pode frear em seco.

Estamos já entrando nessa parte escorregadia, onde já não se pode frear e parar, simplesmente com o fato de decidi-lo. Nosso ritmo de vida e nosso padrão produtivo e energético são tais que hoje já não poderíamos detê-los, ainda que veríamos que terminaríamos a morrer, porque detê-los seria outra forma de morte igual ou pior. Não podemos amanhã prescindir, de relance, de nossas energias fósseis, porque nos deixaria também sem eletricidade, não seriam possíveis os transportes, paralisariam as fábricas, começaria a escassear todo tipo de bens, não funcionariam os hospitais... a sociedade entraria em colapso. Não, não podemos parar de repente. Mas, segundo o IPCC, para assegurar o limite de 2° C, a redução teria que ser de 70% antes de 2050 (cf. o texto dos naturalistas de Girona)!

Mas, para detê-los com suavidade, de forma que vamos substituindo essas energias fósseis contaminantes por energias limpas, necessitamos de décadas, muitíssima vontade política - o que não temos - e mais tecnologia do que atualmente nos dispomos.

Além dessa dificuldade para parar, ocorre que não queremos fazê-lo: que a COOP 21 realmente não decidiu frear; que os políticos não estão pelo trabalho, mas por seguir cegamente o jogo dos poderes financeiros internacionais, poderes que, por sua vez, não apenas se negam em substituir as energias fósseis como estão esfregando as mãos diante da perspectiva de poder ter prospecções petrolíferas no Ártico, agora que, com o aquecimento climático, estão se derretendo as calotas polares...

Se isso tudo é assim, digamo-nos a verdade: já estamos à ladeira escorregadia abaixo, em que os freios não obedecem e é praticamente impossível deter-se. Estamos defendendo a catástrofe. Só na teoria seria possível parar: na prática, na realidade, não o é. Dizer que, todavia, há esperança e que há tempo para corrigir a direção... na maior parte das pessoas que o dizem, é o desconhecimento, falta de rigor no planejamento, e talvez medo de parecer pessimista, ou boa intenção para não desanimar as pessoas, pensando que, com estímulos positivos, reagirão melhor, do que dizendo-lhes a verdade amarga da catástrofe que já temos aí adiante, dentro de “quatro dias”, geologicamente falando.

Sejamos realistas e digamos a verdade: já estamos na 6ª grande extinção, no caminho certo que conduz à grande catástrofe. Outra coisa é que, teoricamente, se poderia parar... Mas a realidade é que levamos uma grande inércia, que nos faz difícil parar, e para agravar, não estamos convencidos da necessidade de fazê-lo, nem estamos dispostos a assumir os grandes sacrifícios que teríamos de fazer para conseguir ir freando e, finalmente, determos na estrada até a catástrofe.

Só se conseguirmos fazer uma reconversão sócio-político-produtiva descomunal de nossa sociedade, e uma transformação radical de nosso estilo de vida, de nosso padrão energético e de nosso sistema de produção, poderíamos detê-los. Só se mudarmos muito, muitíssimo, e só se o fizéssemos muito rapidamente, poderíamos evitar essa catástrofe, que agora mesmo é o mais provável. Se não o conseguirmos, ou - o que é pior - se simplesmente não fazemos nada - ainda que seja sem deixar de “falar” no assunto - a catástrofe está garantida. Continuar tendo medo em dizê-lo é um erro. Tenho que dizê-lo.

7. ECOLOGIA INTEGRAL EM NOSSA PRÁTICA

A grande transformação

Com toda a visão ecológica crítica a que hoje chegamos, é óbvio que temos que mudar. Se sabemos que o mundo não é como havíamos imaginado; se nos sentimos de outra maneira; se percebemos que nossa conduta errada nos submeteu a um caminho de autodestruição, é urgente ser coerentes com a nova visão integralmente ecológica. Abandonar o atual modelo civilizacional, voltado inteiramente ao pós-“crescimento econômico”, contrário ao planeta e ao custo da vida – que já esgotamos e continuamos destruindo, na nova extinção massiva que inauguramos –, e colocar em marcha um novo sistema econômico integralmente funcional à conservação e ao crescimento da vida, e ao Bem Viver da humanidade em harmonia com nossa irmã e Mãe Terra. Eis a grande transformação que urge ser colocada em prática.

Com os novos fundamentos teóricos (a nova Visão que a Ciência permitiu) e com a força interior que nos dá a nova sensibilidade espiritual relacionada à natureza, podemos/devemos colocar em marcha novas práticas integradas com a visão integralmente ecológica. Temos que assumi-las com plena convicção, em nossa própria vida em primeiro lugar, e tratar de difundi-las militantemente.

Quais seriam as principais opções práticas, as mais importantes, urgentes e inegociáveis? Propomos o que se segue para ser debatido/melhorado/expandido...

Uma mudança radical do sistema energético

Obviamente nos é essencial a energia para viver, e na Terra, e principalmente nos raios do sol, existe mais do que suficiente, abundantemente. O problema é que sem saber disso, construímos nossa civilização sob a energia do carbono, cujo dióxido (CO₂) somente muito mais tarde soubemos que envenena a atmosfera e produz o efeito estufa. Já está em curso há tempos, e hoje sabemos que avança perigosa e, sem dúvida nenhuma, esses últimos anos tem sido os mais quentes de que se tem conhecimento. Não temos tempo de ficar discutindo, é urgente acabar

totalmente com a emissão de mais CO₂. É preciso reduzir drasticamente o uso dos combustíveis fósseis (petróleo, gasolina, gás, carvão) em favor de energias limpas e renováveis:

- instalar painéis solares e de energia eólica;
- construção de carros elétricos (híbridos pelo menos), preferindo-os, mesmo que por ora não sejam tão eficientes;
- contratar eletricidade somente dessas fontes;
- apostar na opção “Zero CO₂”: questionar em todas as oportunidades sobre a “quantidade de emissão de gás carbono e sua compensação”; escolher o meio de transporte que menos emissão produza, ou ao menos o que manifesta mais preocupação pelo tema; protestar contra as empresas altamente contaminantes;
- preferir o transporte público. Não utilizar o automóvel quando não é imprescindível. Combinar várias viagens em uma, compartilhar o veículo quando possível;
- levar em conta esses aspectos na decisão do voto e da participação política.

Colaborar com a urgência da humanidade participar de algum tipo de militância conscientizadora: nos meios de comunicação, participando de alguma ONG e em campanhas de formação de opinião pública, assumindo como o compromisso político talvez mais urgente no momento da história da Vida neste planeta.

Conscientizar, sempre que possível, nos círculos de nosso âmbito pessoal: plataforma profissional, relações pessoais, conversas privadas, mesmo que nos julguem obcecados.

Uma mudança de estilo de vida

Muitas pessoas, em diversos lugares, fazem coisas pequenas, em todos os aspectos da vida, que marcarão uma mudança profunda na vida do planeta. Com isso, darão início a uma civilização nova, civilização da austeridade compartilhada e do Bem Viver e em harmonia com a Mãe Terra:

- Viver com austeridade, sem luxos, sem níveis de

vida ofensivos para a imensa maioria da população mundial, que vive na pobreza

Erradicar o consumismo. Não comprar o que não é indispensável. Não querer sempre “o último modelo”. Zero de gastos inúteis. Não à dieta obsessivamente carnívora. Não às comodidades não essenciais e invertê-las em favor da ecologia.

- Utilizar menos água quente.
- Zero de comida jogada ao lixo.
- Apagar as luzes não indispensáveis, não utilizar o standby dos eletrodomésticos. Não comprar novos aparelhos quando não nos sejam imprescindíveis.

- Os “5 Rs”: reutilizar, reduzir, recuperar, reciclar, regular, confere no google.

Trata-se de uma “transformação ecológica” e de uma “revolução cultural”: tudo é diferente, a única saída. O velho estilo de vida se torna “ecocida”: se não nos convertermos, nos suicidamos.

Uma opção pelo decrescimento

O “decrescimento” é uma correção do estilo de vida hoje urgente para retornar parte do caminho percorrido na autodestruição do planeta. É um tema delicado, pois há muitos inimigos, que esbarram em um dos “dogmas” mais sensíveis do sistema econômico, o do “crescimento contínuo, ilimitado”. Mas em um planeta finito, em que já ocupamos muito do que ele precisa para repor nosso consumo, defender um crescimento ilimitado torna-se insustentável. Continuar reivindicando o crescimento ilimitado para dar a toda população mundial o nível de vida atual dos países desenvolvidos implicaria poder dispor de vários planetas; porém somente temos este. Pretender continuar crescendo desse modo é optar por auto asfixiar-nos. Precisamos necessariamente:

- depreciar o mito da modernidade do crescimento ilimitado;
- tratar de viver bem com menos;
- não ao crescimento, mas sim ao desenvolvimento em outro nível;
- não à “vida boa”, mas ao Bem Viver/Conviver.
- Sobre o decrescimento: www.decrecimiento.info.es.wikipedia.org/wiki/Decrecimiento

Nova visão, integralmente ecológica

Para uma boa prática, duas mudanças são prévias:

• Mudança de pensamento: olhos que não veem, coração que não sente... A pessoa que ainda tem a velha imagem, que ainda está pensando que é um ser celestial que vive no meio de um mundo de meros objetos e animais inferiores, vai depreciá-lo, sem ter consciência das maravilhas que o rodeia no meio da Comunidade da Vida, e sem conhecer os mistérios insondáveis do Cosmos de que somos parte.

Impõe-se a disposição de estudar, ler sobre cosmologia, interessar-se pelo seguimento dos avanços da ciência (em livros e nas páginas especiais dedicadas à ciência nos principais jornais); ter sempre um livro de cabeceira sobre ecologia ou ciência em geral e compartilhar o tema com pessoas e amigos interessados.

• Mudança de espiritualidade: a espiritualidade tradicional olhava apenas o céu dos espíritos, não o mundo natural da Terra, e apenas nos remetia a textos sagrados espirituais. Parecia que uma pessoa era mais espiritual quanto mais se distanciava da Terra. Hoje estamos mudando; já intuimos que o espírito é inerente à matéria, que o mundo não é inimigo da alma e que podemos/devemos nos voltar à Terra como nosso lar espiritual.

Metodologias militantes

• Promover em seu grupo, comunidade eclesial de base, grupo de vivência e círculo de vizinhos discussões/decisões sobre o tema.

• Ser daquelas pessoas que não se desanimam e não deixam de propagar as ideias, apesar das resistências.

• Tudo o que fazemos para repensar todos os temas ecologicamente é um serviço à Terra.

• Descobrir amigos, vizinhos, companheiros convencidos da urgência, e sugerir-lhes organizar algo.

- Reunir o grupo, os vizinhos, a comunidade... e que alguém faça um plano:
- com power points de exposição temática,
- com temas teóricos para expor/dialogar,
- ou debater algum artigo deste livro-agenda,
- e uma proposta de tomada de decisões práticas.

Diversas outras sugestões pela rede

unmillonporelclima.es

e sugestões em links em nossa página INFO.

OUTRAS SUGESTÕES PEDAGÓGICAS DESTE LIVRO-AGENDA

Como nos anos anteriores, este Livro-Agenda foi concebido principalmente como ferramenta de educação popular, como um conjunto de textos para serem utilizados, tanto como leitura-reflexão pessoal, quanto como texto base a partir do qual pode-se debater em grupo o tema, com a presença orientadora de um educador popular.

Como em edições anteriores, em 2017 o Livro-Agenda traz sua Proposta (cf. as páginas anteriores), com uma visão de conjunto do tema, facilitando como pensá-lo e organizá-lo no trabalho pedagógico.

Além do mais, sinalizamos aqui vários outros materiais que poden ser muito úteis para o trabalho de conscientização ecológica com a edição desta ferramenta. É possível que, somente com alguns, os que melhor se adaptem às condições do grupo, se poderá preparar atividades educativas e conscientizadoras que provocarão a “conversão ecológica” e a “revolução cultural” das quais fala o papa Francisco, assim como a necessária «reconversão ecológica» que a humanidade tem que começar a fazer, se quiser sobreviver.

A Proposta ampliada e digital do livro-agenda

As 15 páginas anteriores são a proposta pedagógica que este ano este livro-agenda nos oferece: um roteiro de ideias, bem organizado, para quem deseja organizar uma espécie de oficina, curso ou processo pedagógico comunitário para confrontar-se com o tema da Ecologia Integral orientado à assimilação da nova visão que pretendemos. Nestas 15 páginas não se pode fazer mais. Porém, a internet nos permite acessar essa mesma proposta mais desenvolvida, gratuitamente para todas as pessoas desejarem maiores informações e sugestões. Está à disposição em INFO: latinoamericana.org/2017/info Porém, há mais sugestões:

A cartilha popular sobre Ecologia

Reedição da conhecida cartilha popular sobre Ecologia, lançada pelo Livro-Agenda Latino-americana 2010, quando abordou o tema “Salvemo-nos com o Planeta”.

Em apenas 8 páginas, apresenta em síntese esquemática uma argumentação completa da nova visão ecológica, partindo do método latino-americano ver, julgar e agir.

Ideal para imprimir e difundir popularmente – as 8 páginas podem ser impressas em uma só folha –, facilitando a leitura popular de difusão. Serve também para a escola, a catequese, o sindicato, a congregação, a paróquia, etc. Tome-a também através de nossa página INFO: latinoamericana.org/2017/info

Série de TV “Cosmos” de 2014

Provavelmente é a série de TV de maior qualidade científica sobre ecologia geral. Sua estreia mundial foi em 9 de março de 2014, já tendo sido transmitida para mais de 181 países, em 45 idiomas. Está disponível em DVD e Blue-Ray (vale a pena comprá-la, recomendamos). Pode ser facilmente encontrada na rede. É uma atualização, profundamente renovada, da série de título similar de Carl Sagan, de 1984 (ver o verbete no *Wikipédia*, onde está também a lista de capítulos). São 13 episódios, de uma hora cada. Recomendamos ver várias vezes e comentar com a comunidade, em reunião de estudo. As imagens foram elaboradas com as técnicas mais avançadas de imagens digitais, mas baseadas – sempre que possível – em imagens fotográficas. Estamos vendo de fato a realidade.

Série de Áudios sobre a Laudato Si’

<http://redamazonica.org/el-cuidado-de-la-casa-comun>

É uma adaptação radiofônica da ideia central que perpassa a encíclica do papa Francisco: as mudanças climáticas estão arruinando a Mãe Terra e suas terríveis conseqüências prejudicam todos os seres vivos, especialmente aos homens e mulheres empobrecidos por um sistema, que já não se sustenta.

A ficção literária é que Francisco de Assis, que cantou ao irmão Sol e à irmã Água e que falava com as criaturas de Deus, tem agora a oportunidade de conversar com o Ar, os Peixes e os Pássaros, e também com o

Ouro, o Milho Transgênico e a Chuva Ácida e com tantas criaturas que se veem afetadas pela irresponsabilidade dos humanos e suas empresas depredadoras do ambiente.

São 20 programas de uns 10 minutos cada um. Todos tem o mesmo objetivo: criar consciência sobre a indispensável cidadania ecológica, sobre a urgência de mudar de rumo e superar o estilo de vida consumista, a cultura do descarte, um modelo de civilização tecnocrática, mercantilizada e ambiciosa, que não é sustentável.

Para a educação popular, formal e informal, a catequese ou a simples reprodução livre. Oferece também um “guia metodológico”.

“Página INFO” do Livro-Agenda Latinoamericana

<http://latinoamericana.org/2017/info>

Nela oferecemos, em rede, materiais pedagógicos que não cabem nas limitadas páginas deste livro-agenda. Aí se pode encontrar documentos, outros artigos, textos complementares, referências bibliográficas, apresentações (power points), vídeos, etc.

Encíclica Laudato Si’

Menção especial merece a encíclica do papa Francisco, Laudato Si’. Dirigida a todas as pessoas de boa vontade, a encíclica teve uma acolhida quase universal, somente contrastada por seus críticos neoliberais partidários à serviço do capitalismo depredador. A encíclica fez célebre o conceito novo de “Ecologia Integral”, e colocou à tradicional conversão cristã um adjetivo nunca antes usado: a *conversão ecológica* (LS 216-221). Não se trata de um texto “eclesialístico” tradicional; pode muito bem ser abordado como um texto de inspiração também leiga, conscientizador e muito inspirador.

O papa Francisco nos dá de presente a perspectiva sobre a Ecologia Integral, que abre uma nova estrada para crentes e todas as pessoas de boa vontade, buscando uma resposta de uma missão compartilhada que nos tire deste ritmo acelerado em direção ao precipício.

Os grupos e comunidades que não a tenham estudado (a encíclica é de julho de 2015) farão bem em dedicar-se à leitura e debate, que se somarão perfeitamente aos objetivos deste livro-agenda.

A Carta da Terra

O mundialmente conhecido documento é uma referência civil internacional patrocinado pela ONU, que compartilha a perspectiva de uma Ecologia Integral e sua consequente revolução cultural.

Youtube e a rede

Faz tempo que o Youtube se tornou uma biblioteca de valor inestimável quanto a materiais audiovisuais para a educação e a ciência. Obviamente, há muito material de pouco valor, mas há também vários excelentes, cientificamente bons e muito pedagógicos. Precisamos apenas gastar um pouco de tempo assistindo os conteúdos, para encontrar o que precisamos para nossas reuniões de grupo.

E o mesmo pode ser dito sobre as páginas na rede: há muito tempo que a internet se tornou a principal biblioteca mundial. Podemos pensar que quase tudo que precisemos encontra-se na rede. Os portais de busca são hoje uma ajuda imprescindível.

Textos sobre Ecologia em edições anteriores

Em sua edição de 2010, o livro-agenda latino-americana abordou, pela primeira vez, o tema ecológico. Apresentou numerosos documentos e reflexões de valor permanente, que podem ser úteis ao trabalho de conscientização que pretendemos este ano. Assinalamos os principais:

- *Tudo tem limite*: reflexão muito clara sobre os limites do planeta, que já ultrapassamos.
- *Nossa história sagrada cósmica*: passar a considerar a história do cosmos como nossa história sagrada.
- *Dados cósmicos para ver/contemplar*: recopilação de dados sobre o cosmos para meditar e para se ter em mãos para nossas exposições sobre Ecologia.
- *Raízes históricas da crise ecológica*: Lynn White que acusa ao cristianismo judaico, e famoso texto.
- *Carta do cacique Seattle...*
- *O ponto Deus no cérebro...* de Leonardo Boff.
- *Pistas para uma nova visão ecológica*, de Leonardo Boff.

Esses textos podem ser encontrados no arquivo digital do livro-agenda:

<http://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo>